



Rio de Janeiro, 8 de abril de 2016.

Circular:081/16

Assunto: Reflexão para educadores

Este texto foi escrito por Fernanda Mairos, coordenadora pedagógica do Fundamental I, e retrata algumas das inquietações que temos tido no exercício da função educadora.

A criança de hoje: desafios e possibilidades

Ao longo deste tempo temos percebido uma mudança significativa na forma como as crianças lidam com o cotidiano escolar e com a construção de pequenas responsabilidades. Sem dúvida, o mundo vem sofrendo mudanças e transformações rápidas, e educar no tempo de hoje tem sido um desafio para as famílias e para a escola! Ensiná-las a cuidarem de si mesmas, dos outros e do ambiente tem exigido maior atuação de todos. As inovações tecnológicas, a noção de certo e errado tão incerta, valores éticos não sendo exercidos, o tempo cada vez mais curto e o excesso de assistência estão gerando muitas dúvidas, angústias e aflições. Neste percurso da contemporaneidade, fomos perdendo um pouco a nitidez do que esperar ou exigir. O que podem fazer com autonomia e se esforçar para resolver? O que precisam da tutela do adulto? Essas são questões presentes em nossas reflexões.

Neste percurso, a criança foi passando a ocupar um lugar central nas relações e os adultos passaram a girar em torno delas. Por quê? Sentimento de culpa pela falta, pela ausência, seja por trabalho, por superproteção, por uma série de razões. Neste extremo, passamos de uma relação de autoridade para uma permissividade muito grande. A hierarquia das relações foi perdendo seu lugar e isto vem acarretando dificuldades no exercício da convivência, já que limites mais fluidos impedem que determinadas aprendizagens sejam feitas, e a principal é a falta da construção da percepção sobre o outro e da noção de responsabilidade. O esforço e o respeito passaram a ser substituídos pelo prazer e a resolução imediata. Como tem sido comum os alunos não escutarem simples orientações quando estas são feitas no coletivo, exigindo do professor muitas explicações adicionais e particularizadas. Pequenos compromissos, como a organização do material na mochila, passam a ser executados pela família e, muitas vezes, o aluno não consegue justificar a ausência dos seus

pertences. Outro exemplo bem comum tem sido, diante de uma dúvida na tarefa de casa, os pais postarem a atividade no WhatsApp na busca de respostas, eximindo a criança de tentar resolvê-la ou mesmo não considerando a sua resolução. Lembramos que, nesta escola, há uma valorização das diferentes possibilidades de se pensar, e a correção coletiva representa uma das formas de se partilhar os saberes e hipóteses de cada um, contribuindo para uma aprendizagem mais efetiva.

Nessa tentativa de assisti-las, diante de qualquer desafio - seja nas relações interpessoais ou nos aspectos acadêmicos-, os alunos ficam sem recurso para lidar, para dar sua opinião, para estabelecer uma estratégia ou compreender qual é a sua parcela de responsabilidade. Entendemos que as principais consequências deste cenário, em que a criança tem sido regida pelo prazer e a diversão, são a pouca disponibilidade para lidar com as situações que envolvem mais esforço - realizando-as sem qualidade, a pouca tolerância à frustração, a dificuldade de pensar em alternativas quando não obtém o que deseja e a incapacidade de esperar para conseguir o que quer. Com isso, alguns problemas na aprendizagem começam a aparecer porque aprender depende de esperar, tolerar, frustrar, ter que fazer de novo, melhorar, revisar, superar dificuldades. Se a criança não constituiu isso em sua vida prática nos primeiros anos de vida, fica bastante complicada a construção da autonomia sob o ponto de vista escolar.

É de suma importância que no cotidiano a criança vá conquistando responsabilidade e autonomia, como por exemplo, guardar seus brinquedos, arrumar sua cama e material escolar, retirar seu prato da mesa, partilhando e assumindo aquilo que já é capaz. Nessa construção é preciso haver organização, esforço, persistência e determinação, características que devem ser desenvolvidas, primeiramente, pela família e asseguradas pela escola. É um processo contínuo e cansativo porque demanda atitudes firmes e consistentes, que necessita que sejamos exigentes para impulsionar o desenvolvimento.

Limites colocados com firmeza e serenidade são expressões de amor e de cuidado que estimulam crianças a se desenvolverem plenamente como pessoas capazes de conviver coletivamente e de se responsabilizar pelo papel que desempenham em cada grupo social.

Preocupados com estas questões, temos investido muito em situações de reflexão e estabelecido parâmetros que tornem claros ao aluno e às famílias, o que é possível, ou não, ocorrer em determinada etapa escolar. Documentos como a construção de regras, a autoavaliação, o Contrato de Estudante e o boletim são alguns destes instrumentos que comunicam o que a escola espera de seus alunos. Temos buscado cada vez mais alternativas e estratégias para ajudá-los neste processo, portanto, não estamos de "braços cruzados", mas, sim, investindo e nos comprometendo também com este avanço. Não temos dúvidas de que toda essa construção exige que escola e família trabalhem em parceria. Assim, com o objetivo de favorecer o crescimento de nossos alunos, convidamos os responsáveis a pensarem sobre as questões levantadas no texto e, com isso, atuarmos de forma COOPERATIVA.